



VIDA ARTISTICA

SEMANARIO DE ARTES E LETRAS

Director e proprietario—J. PEDROSO AMADO
 Chefe de redacção—VALENTIM T. COSTA E SILVA
 Editor—ERNESTO ZENOGLIO

ASSIGNATURA

PORTUGAL E ILHAS	
3 mezes	Rs. \$200
6 "	" \$400
12 "	" \$800
ESTRANGEIRO	
3 mezes	Rs. \$900
6 "	" 1800
12 "	" 3600

PREÇO AVULSO

30 RÉIS

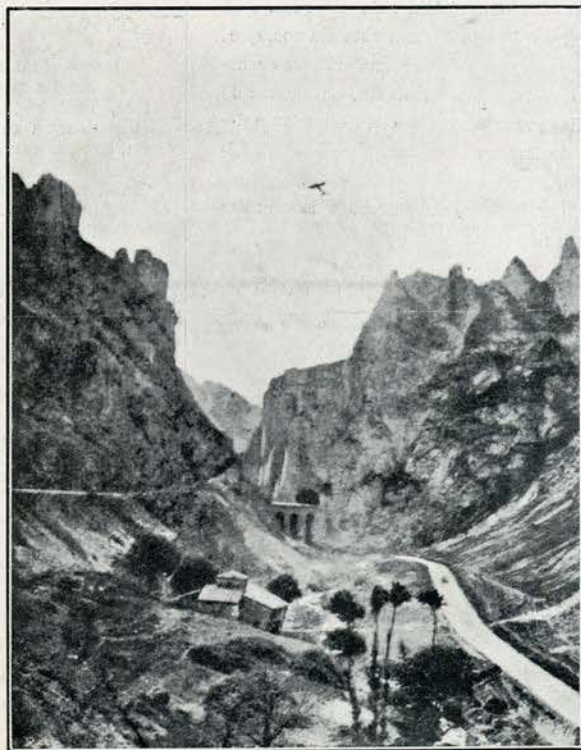
—+—

Redacção e Administração
 Passarelle do Elev. de S. Justa-A
 LISBOA -

Composição e Impressão
 Off. Illustração Portuguesa
 Rua do Seculo, 43

À constancia se deve toda a gloria.

LUIZ DE CAMÕES.



SERRA D'ELQUEA

A PARTE MAIS DIFFICIL DA ÉTAPE S. SEBASTIAN-MADRID É A COMPREHENDIDA ENTRE O PONTO DE PARTIDA E BURBOS

OFF. ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA

Aviação

O RAID PARIS-ROMA

A corrida Paris-Roma, em aeroplano, despertou em toda a França um entusiasmo que mal se pôde imaginar.

A gloria da sua esplendida organização cabe ao *Petit Journal*, que deve orgulhar-se pelo successo obtido, e que de todos nós merece justissimos applausos, pelo desenvolvimento que, com esta prova, deu á aviação.

Muito antes da hora marcada para a partida, já no aerodromo de Buc se encontravam centenas de pessoas desejosas de assistir ao começo d'este extraordinario *raid*. Às 6 horas da manhã é dado o signal de «largar», e dois aeroplanos Bleriot, pilotados por Conneau e Garros, se lançam no espaço, em vôos magníficos, sendo seguidos, a curta distancia, por Kimmerring, Manissero, Frey, Weymann, Level, Gaget e Bathiot.

Em menos de 15 minutos todos os aeroplanos se encontravam voando, offerecendo-nos um espectáculo phantastico e comovedor.

Desde o principio da corrida, estabeleceu-se entre Conneau e Garros um verdadeiro *match*, que terminou pela victoria de Conneau, com a sua chegada a Roma em 31 do mez passado. Garros, devido a um desarranjo no seu aparelho, só conseguiu chegar a Roma no dia 1 do corrente.

Extraordinario homem este Garros, que, embora perseguido por uma má sorte constante, consegue, no entanto, em menos de 15 dias, voar de Paris a S. Sebastian e depois de Paris a Avignon, Nice Pisa e a Livorno.

O quadro das classificações ficou assim constituído :

Conneau—	1.º Roma...	100:000 francos
	1.º Nice...	
Garros..—	2.º Roma...	40:000 "
	2.º Nice...	
Frey, ..—	2.º Nice...	10:000 "
Vidart..—	3.º Nice...	10:000 "

Em 31 de maio d'este anno, isto é, no dia em que Conneau alcançou Roma, fez precisamente 3 annos, que o aviador Delagrangé, na mesma cidade, estremeceu o mundo inteiro, com um vôo de 16 kilometros á altura de 5 a 6 metros, em 15'25".

Comparemos este vôo, então considerado dos arrojos mais extraordinarios, com o agora realisado por Conneau, 1:465 kilometros, distribuidos pelas seguintes *etapes* :

Paris-Dijon...	265 kilometros
Dijon-Lyon....	175 "
Lyon-Avignon..	205 "
Avignon-Nice ..	220 "
Nice-Gênes ..	170 "
Gênes-Nice	170 "
Pisa Roma.....	250 "
	1465

Ação social da litteratura

Se as artes e as industrias são a base do progresso dos povos, isto é, se são o meio do bem estar material do individuo e da collectividade, as letras são o fundamento das ideias, dos costumes, das leis, das instituições, a substancia espiritual que tudo anima e vivifica.

A litteratura é, se pôde dizer, o instrumento mundial da civilização dos povos.

Dizia Victor Hugo: «Com a espada conquista-se pela força, com a penna civilisa-se pela ideia. Os pensadores são mais uteis do que os soldados».

A élite intellectual, os escriptores de valor e de fama, são os guias mentaes, os imperadores nos dominios da espiritalidade dos povos.

Não ha pois povo algum bem organizado que não tenha a sua litteratura, quer ella seja propria, característica, especial, quer seja haurida ou inspirada n'outra alheia. Todo o povo tem o governo que merece, dizem, mas esse governo é sempre o representante de um grau de civilização alicerçado na litteratura predominante.

Esta é como que a reproductora do ambiente moral e intellectual que por seu turno ajuda a crear e a orientar seguindo a rota do pensamento dominante n'outras sociedades melhor formadas, ampliando e depurando as concepções do espirito, ligando os povos pela solidariedade dos interesses e fraternizando-os pela communhão dos ideias.

Desde que os Phenícios inventaram a arte de fixar por escripto o pensamento, os symbolos significativos da palavra humana foram a alma maravilhosa que começou a destruir as sociedades existentes para crear novas sociedades, em novas bases, em novos moldes, mais progressivos, mais puros, mais consentaneos com as aspirações de subsistencia e de bem estar social.

Apareceram desde então generos de litteratura que definiram o caracter das epochas.

Theologica ao principio, foi depois guerreira e depois romantica.

Os monumentos litterarios ou as obras que pelo seu cunho doutrinario e expositivo, pela influencia social que exerceram, atravessaram as gerações nas tubas da gloria, condensaram todos os esforços mentaes, todas as energias das raças e todos os esplendores das civilizações.

Assim na India escreveram-se os Vedas e Budha foi a personagem divinizada que representou a philosophia oriental.

Os Kings foram os livros que na China tiveram o alto valor de estabelecer as bases moraes da educação d'aquelle povo cujo chefe espirital ficou sendo Confucio.

Os Hebreus tiveram David cujos psalms ainda hoje são lidos e admirados pela sua unção caracterisadamente mystica. A Biblia é o compendio moral e ao mesmo tempo historico do desventurado povo hebraico.

Na Grecia as epopeas Iliade, Odynea e outras producções foram marcos millenarios da poder sa imaginação e da magistral arte de Homero.

A Roma antiga teve a sua Eneida, teve o seu Virgilio, o seu Cicero e tantos outros que a illustraram com o seu phenomenal saber.

Na Idade Média a Italia apresenta-nos o poema narrativo a Divina Comedia, pelo florentino Dante, e um maravilhoso cancionero pelo toscano Petrarcha.

Nos tempos modernos finalmente a Inglaterra dá-nos o grande photographo da alma humana, Shakspeare, com o sublime Hamlet, o Othello e tantas outras joias de bellas letras.

A Hespanha, no meado do seculo XVI

engrandece-se com o nome de Cervantes, novellista de primeira grandeza; a Alemanha com o de Kant, o philosopho erudito e profundo, e com o de Goethe, o phantasiasta elegante e inspirado; a França n'uma alluvião de pensadores qual d'elles o mais genial, dá o berço a Voltaire, o critico mordaz e demolidor intemerato, e a Victor Hugo, o poeta romantista mais sentimntal e mais impressionante.

Finalmente, se estudarmos attentamente a historia da litteratura, veremos que as marcas determinantes nos diversos criterios philosophicos seguidos, exteriorisam-se nos paizes orientaes por um estylo esplendoroso e mystico, nos povos do norte por um estylo profundo, confuso, metaphysico, subjectivo, nos povos meridionaes por um estylo passional, amoroso, arrebatado e positivo.

Que a passagem da barbaria para a civilização custou longos seculos de lucta, rios de sangue em holocausto ao Bem e á Verdade, gerações sem numero de pensadores, theorias até contr. dictorias, realidades multiplas e por vezes imprevisitas.

Que no determinismo das idéas, á rudeza de erudição, á aspereza de linguagem que caracterisava os povos barbaros do Sep entrião, seguiu-se o Christianismo mais docil, mais brando, mais visionario, mas não satisfazendo ainda plenamente as almas, porque não continha a seiva de grandeza necessaria para se impôr, antes foi a sanção do Feudalismo seguinte, que aviltava, que deprimia a dignidade humana.

Que a Encyclopedia rompendo os diques da tradição e dos preconceitos, celebrizou 1789, deu luz ao mundo e liberdade aos povos.

Por ultimo, que Portugal atravez todo este perpassar das locubrações humanas deixou para a eternidade apenas uma obra grandiosa e admiravel, uma epoeza monstra, um monumento nacional, os Luziadas que será o assumpto d'um artigo subsequente, tanto mais oportuno quanto a memoria de Camões e agora novamente aureolada pelas festas que o povo portuguez lhe tributa.

A. COSTA,



PRIMAVERA

*Que magnifico aspecto o das campinas!
Punhados de onro, sangue purpurino,
Blocos de neve: as côres das bouinas
A sorrir entre o trigo esmeraldino!*

*E as aves, essas aves pequeninas
A soltarem seu cantico argentino,
Levando ao Espaço, onde, oh Deus, dominas,
Uma benção da Terra em seu brando hymno!*

*Flores sempre lonças e variadas,
O mesmo aroma, côres e poesia,
E sempre bellas cada novo dia...*

*Aves e Flores, como sois amadas!
Aves!—b.ijos das nossas madrugadas,
Flores!—alegres sonhos, phantasia!...*

Oliveas, 1911

FRANCISCO DOS SANTOS VIEGAS.



R. DOS CONDES

Coisas de theatro

(Continuação do numero antecedente)

Certa dama, pretendendo entrar para o theatro, desenvolveu o seu pedido n'uma carta onde havia quatro erros de orthographia e innumeraveis attentados hediondos contra a syntaxe. Chamada pelo empresario, a capitulo, aos preludios de um accordo, encantou-o pela pureza da sua linguagem e elegancia da phrase modelar. Fôra apalpadeira da alfandega mas, desejosa de espirital, por temperamento ardoso de coração ulcerado, quizera dar a alma ás regiões puras da arte. Decerto não lhe quadra aquella amarga angustia de perpetuamente remechar encantos vellados e alheios, e por ansias de superioridade endolorida, rodada como seixo nas brutezas de empregos subalternos resolvera dedicar-se ao tracto intimo de Sardou, de outros menores e até mesmo á comedia classica, se para isso lhe sobejassem pedaços de bom prouvo. Presentemente a dama em questão representa na feira d'Alcantara:

Quasi sempre os prodrómos são estes; variações sobre o mesmo thema fundamental. As apalpadeiras, sobre tudo, dão um enorme contingente aos thetros. Mais tarde, com a caturreira evangelica do ensaiador, as madamas dizem de boquinha ministro, Diniz e outras barbaridades gemeas, carregando muito no primiro i, ridiculas por peccadilho de bem fallantes. De uma peça que se ensaie, não conhecem, por via de regra, senão o que teem de dizer. A leitura de uma comedia, um drama, é objecto de pavor, inventam-se as mais descabelladas tropelias para evitar monstruosidade les d'essa natureza. Certo artista, morto ultimamente e muito conhecido do publico de Lisboa, collocou, uma vez, um auctor *perpertrando* uma leitura sobre um alcapão d' scena. Em determinado momento e aos olhos esgazeados de toda a companhia, viu-se a meza, a cadeira, o manuscrito—e até o proprio auctor!—sumirem-se vertiginosamente pelo chão. Em baixo, hombros possantes sustentavam a caranguejola, transportando o misero para os ourinoes. *Blague* de mau gosto, mas característica. Isto dispensa longos considerandos; é tipico.

Depois, por sobre as tabuas do palco, é um horror. A invejasinha—terrivel entre mulheres!—cava singulares dissidencias, momentosas polemicas a proposito de um papel, um vestido, um dito agridoce. Um camarim que duas desejem: eis a guerra civil declarada. Pensa-se em tudo menos em representar com decencia. Tal que entre bastidores espera a deixa para clamar com magestade: *Eu sou a duqueza de la Rochepouhou*, acabou n'aquelle instante de aggreir medonhamente a costureira ou chamou á ordem qualquer rata de palco mais atrevida. Em scena é tudo falso: o ademane, a voz. Qualquer que todos julgarão estar entregue á paixão que symbolisa, pensa muito simplesmente em passar a um ou a dois na occasião propria e de antemão marcada. Estes nadas que são como que a aprendizagem do officio, ficam, mercê de nenhum estudo, como coisas importantes no jogo de scena, occupando o primeiro lugar, relegando fatalmente a planos inferiores, a inflexão, o gesto, a naturalidade, etc. A falsidade estende-se logo ás principiantes; as que figuram no primeiro acto, de aventalinho branco: murmurando: *Um copo d'agua para o senhor marquez*, tem o ar de dizer: «logo, logo, no terceiro acto, quando eu fôr tambem cond ssa, então é que vão ser ellas...»—Depois de longos annos d'estas babuseiras passam por antiguidade, a mais compactos dizeres. Mais tarde, encanecendo, quando a frescura se foi com pedaços de cosmetico na ponta da

pata de lebre, fincam-se com angustia nas ingenuas, nas *soubrettes*, em todos aquelles papeis que um physico degredado terminantemente lhes véda. Não ha nenhuma artista que, no momento de passar ás damas centraes ou ás características, não tenha um aperto de coração. Perdoavel aperto, commovente máguia; é a mocidade da scena que se vae, depois de ter fugido a outra, mas o facto é que esse momento vem quasi sempre atrazado uns bons quinze annos. E o publico não pode tolerar estas coisas; as multidões não se prendem a razões sentimentaes.

Mercê tambem de pessima selecção, são raras as artistas cuja nobreza ingenta se case bem com as personagens mais delicadas, mais finas. A actriz Faustina, simulando uma duqueza, levanta a cabeça, veste sêda e tráz de casa um lenço lavado; se fallar com dignidade e circumspecção, está prompta a servir. Isto é, sobremodo, ridiculo e na plateia, em baixo, filares de Bote-cudos pasmam para estas coisas incriveis, sem um protesto.

Certas vocações decididas, que surgem aqui e acolá, são realmente inculitas. O classico *calhou* de Antonio Pedro entra ainda em magna proporção na arte de representar, em nossos dias. Excepção feita a um diminuto numero de figuras,—e d'estas algumas estão retiradas de scena,—todas as outras, no nosso theatro, se devotam quasi sempre ao acaso salvador e só n'elle teem esperança. Tampouco não admira que artistas,—homens e mulheres—não vivam exclusivamente para o seu trabalho. E por que o reverso da medalha cedo lhes é mostrado e logo toma conta d'elles a desilusão, fazem do seu mysterio um officio antipathico, executado por obrigação, apenas meditado no momento proprio; nem qualidades, conhecimentos que possam existir no subconsciente de cada qual, se desenvolvem com uma gymnastica do cerebro,—porque d'essa não curam elles... Outras coisas mais interessantes os absorvem...

(Continua)

MARIO D'ALMEIDA.



Os bailados russos em Paris, duas palavras sobre a sua historia—A musica de Debussy no S. Sebastião, de Annunzio

Devido ao grande empresario Gabriel Astruc, a grande capital da França vae mais uma vez, este anno, admirar os característicos bailados russos, notaveis não só pelo nucleo de artistas contractados, como pela riqueza do scenario, pois são espectaculos em que a vista fica deslumbrada, e os ouvidos encantados!

O empresario russo Serge Diaghilev, elaborou um programma escolhidissimo e feito com um alto criterio artistico.

Assim dançar-se-hão as seguintes oóras: *A ave do fogo*, de Igar Stravinsky; *Scheherazade*, de Karsakow; *A batalha de Kerjenz*, do mesmo auctor; *Narcisse*, de Tcherepnie; *O espectro da rosa*, de Weber, e outras peças que ainda não estão escolhidas.

Fazem parte da companhia as seguintes estrellas: Karsavina, graciosa como um cysne, Sophia Fevelorawa, Truhanova, Ludmilla Schollar, e as bailarinas Nijnsky, grande celebridade, o *Vestris*, do seculo XX, Cachetti, Balm e Rosay.

Os bailados teem na Russia uma grande importancia, e a sua notabilidade vem da sua rara disciplina!

O bailado russo o que é protegido pelo governo, comprehende trez grupos: o do theatro *Maria* de S. Petersburgo, o da *Opera* de Moscow, e o do *theatro do Estado* de Varsovia.

O de S. Petersburgo comprehende 200 artistas protegidos pelo ministerio do reino, e os outros grupos pertencem ao ministerio da Côte.

As bailarinas passam por sérios estudos, de modo a ficarem artistas instruidas. Entram aos 9 annos e frequentam um curso de seis annos. Frequentam parallelamente com os cursos de dança, as aulas de musica, historia, litteratura e geographia. Algumas bailarinas são notaveis pianistas como é a dançarina Tamar Korsavina, que alcançou o primeiro premio.

Por outro lado os russos dão a maxima



A bailarina russa
Anna Parlóva

atenção aos scenarios que acompanham os bailados.

Para cada bailado novo, é posto a concurso o scenario e os melhores pintores a elle concorrem, apresentando quadros deslumbrantes. Um jury composto de homens notaveis conferem então altos premios; os trabalhos de Bakst, Galovine e outros teem chamado a atenção de todo o mundo artistico.

Em Paris, nos centros litterarios e artisticos não se fala d'outra cousa senão do drama de Gabriel d'Annunzio *S. Sebastião*.

Não me pertence falar aqui do drama propriamente dito por isso darei apenas noticia da musica de scena que acompanha o drama e que é devida ao compositor francez Debussy.

O escriptor italiano não poderia escolher melhor compositor para a sua obra! Debussy musico de grande temperamento superlativo, é na sua arte o que o auctor do *Fogo* é na litteratura. A critica franceza aponta como os melhores trechos o *Preludio*, um *hymno* a Apollo, e uma *marcha funebre*. A orchestra era composta de 90 artistas sob a direcção de André Caplet.

O papel de *S. Sebastião* foi desempenhado por Ida Rubinstein, dançarina russa, que apenas agradou pelo lado plastico.

Esta obra de Annunzio foi condemnada pela egreja catholica, como impia.

ALFREDO PINTO (Sacavem).



O concurso de estampilhas da Republica

ALGUNS DOS MODELOS APPROVADOS



Má-lingua

A proposito do concurso

Questões d'arte, a serio, entre nós? Engenhocas de armar ao indigena, às cavalleiras do qual os genios da nossa terra montam o logradouro da nomeada.

Sinceridade de intenção? valor de convicção? honestidade de processos? d'ferencias caracteristicas de pessoalisação da idéa?

Tretas e tricas: coisinhas atoleimadas por algum anemico descobridor de taboados, que depois do restauro das serapinturas, passam a bracejar nas genealogias artisticas.

Coisas de arte!

Arrumem-lhes d'essas... Nanja a mim, que me pilhem ingenuo. Fui, fui. Bom tempo!...

Exposições, concursos, representações: quadros, livros, partituras, personagens; tudo, enfim, que devera merecer respeito e admiração, e lá fóra um pouco, vamos! colhe rosaceas de entusiasmo na face dos argumentadores, anda por cá em mãos de gentes, que é mesmo um provocar alguma exclamativa de accento mais forte.

E não sabe a gente de onde veem os taes genios, Ingressam na vida à laia de microbios: constata-se-lhes a existencia apenas quando a larva viscosa se fez coisa de armar em espantallo de reclamo.

Só então se denunciam: descortina-se a intenção, o trabalhinho de sapa revela-se na imposição de um nome para director ou inspector do *Musen dos quadrumanos prehistoricos*.

Ha um certo rumor á volta do prebendado, e é então uma claridade:

Os retratinhos das montras dos livreiros e dos armazens de musica, os chapéus á Fulano, o noticiario pyrotechnico; e liga-se tudo, naturalmente, sem esforço.

Dá-se uma fermentação na inventiva amigatheira, que, na liga com as mazellas postas á luz pelos codilhados, desnudam o caracter e seus apendices de derivação hortaliçeira. A's vezes a batotinha faz-se

a auxilio d'algun abordo nocturno, com andarilho de peçoço marinheiro; mas isso que tem?...

E' exaggero isto?

Pois bem, desmintam-me, se pödem,

De resto, eu sei já que de violento me alcnham e de aggressivo, quantos me conhecem a fórmula ativa de censura; e acho bem, portanto, mas... siga na esteira dos passos perdidos.



Se eu sou um renegado, se não toco instrumento de banda: solista-concertista é que me preso de ser, e, já agora, irremediavelmente serei até ao seculo dos seculos.

Violento? aggressivo?

Que magoa não n'o ser!

Té me regalara saber dos termos a conjugação inédita, que desse a justa conta de liquidar tanto triumpho de pouco esperto. Mas qual! se eu mal dou em arrenegar-me? Penso uma turra e sae-me coisa de não doer mais que um farpanço de bico de prego em nadega gordanchuda.

Exaggero!...

Mas, ide vér e ouvir quanto de novos e velhos por ahí ha.

Salvam-se umas nesgas de tela, que, para mais, não dá a gana dos que sincera nente labutam por uma idéa. Quando muito, em cem sonetos, salta um verso de enquadrar; em milhares de resmas de bom papel mal prosado, brilham umas pobres linhas de imagens... e assim, no mais e em tudo, que é, talvez, de bom espirito benevolente, não trazer em faldas, aqui.

Artistas de vulto!

Fala-se para ahí em uma duzia d'elles.

Algun completo?

Uns arrebetam de imaginação e manquejam de technica; outros dão em ouriços de idéas, que se lhes não mette mão dentro; aquelle a respeito de esperteza; este faz-se transportar em travessas de servir empadão de vaidade; ignorantes? muitos.

Detraz d'essa duzia, os inevitaveis pregoeiros, secretariando a phylarmonica dos admiradores.

São musicos todos de soprar para dentro, e cada instrumento, se adrega de andar só, anda a gaitar pelos caies o Hymno da Incrível.

Mas não deitem isto á conta de verdade, que eu exaggero—sou violento e aggressivo.

E tanto sou, que aconselho uma visitinha às exposições de agora.

Esta dos sellos, então, é o que se está vendo: tirando dois, tres, quatro, darei cinco—incluíndo os que foram plagiados, o resto é necessario haverem seus auctores muito de arrojio ou de inconsciencia para os darem assim a publico.

E por hoje basta, que já vae longa a má lingua.



As festas a Camões

D'ellas nos occuparemos detalhadamente no proximo numero.

A titulo de curiosidade inserimos a seguir as opiniões do pintor Luciano Freire expostas a um redactor no nosso collegia *Republica*:

O actual monumento não traduz a grandiosidade de Camões

Precisamente, um acaso de passeio nas ruas defrontava-nos com Luciano Freire, o illustre pintor e professor da Academia de Bellas Artes.

—Deixo isso aos esculptores—disse-nos elle. E' a elles que pertence opinar. De resto, eu não tenho sobre o caso uma ideia geral, a não ser esta: que o monumento actual é indigno da figura que representa. A estatua de Victor Bastos não pôde ser aquella em que os homens de hoje leguem á posteridade o grande poeta, sob pena de soffrermos d'aqui a um seculo a justa accusação de não sabermos bem nitidamente quem era Camões.

No momento chegavamos ao pequeno largo onde está o monumento, e Luciano Freire divagou, durante alguns minutos, n'uma larga palestra sobre generalidades.

Era a figura que não possuía grandeza de linhas, o largo que era acanhado, as figuras de rememoração da epoca desproporcionaes. «Este largo é um pateo. As figuras da columna, tão extraordinariamente pequenas em relação á figura principal...»

E lembrava que se fazia isso para dar vulto á estatua.

—E' gothico puro... Hoje não se fazia aquillo. Depois, veja: o monumento não tem fundo. Pôde dizer-se que é uma estatua dando—para um saguão...

E, n'uma rememoração justiceira: «Que quando a estatua foi collocada, o predio de fundo não tinha ainda aquelle andar superior. V. talvez não se lembre...»

Não nos lembravamos, mas sabiamos a historia que esse andar evoca. Quando começaram as obras, chamaram para o caso a attenção do dono. «Isso vai estragar o monumento, que perde assim o unico bocado de céu, que lhe permittiram...»

E houve reclamações, juntou-se gente... «Diabo! Mas eu preciso do andar...»

Mas se era uma questão de esthetica e, até, de patriotismo! «Pois é, é... Mas se eu preciso do andar...»

A questão estava n'este pé, quando o proprietario achou uma solução. «Sim? Homem, ainda bem!» E houve um grande contentamento. Mas como arranjava o nosso homem aquillo?

«Ora! O melhor possivel! Levanto o andar e pinto a casa toda de azul... Vocês estão vendo... o azul... o céu...»

E o andar levantou-se e a estatua ficou tendo como fundo o azul... da parede...

O que era Lisboa ha trinta annos—A poeira do terramolo

Mas porque escolheram os homens do tempo aquelle espaço tão acanhado? Sobre um pedestal grandioso, em meio d'um grande largo, aquella mesma estatua avultaria, e poderia então com mais dignidade representar a grande figura do epico. Lisboa tem largos e praças bellas...

—Hoje—diz Luciano Freire, sorrindo—que a nossa capital está o que se vê. Mas o que era Lisboa ha 30 annos? Este mesmo largo, que nós hoje achamos exiguo, teve de fazer-se propositadamente para receber a estatua... E Lisboa toda achou opulento... e grandioso... Se não havia melhor...

«Lembro-me perfeitamente: aqui havia casaria—uma casaria horrivel, inqualificavel, verdadeiros casebres. Quem vinha do Chiado embatucava, de fórma que esta obra foi como a rehabilitação da arteria chic...»

«Então procurou-se, realmente, onde levantar o monumento. Mas os locais apropriados para uma edificação d'essas estavam occupados. Era o Terreiro do Paço, o Rocio... A Patriarchal estava um montão, onde os habitantes revolviavam ainda o pó do terramoto... Já vê...»

E o illustre pintor concluiu assim: —N'uma palavra: para aquelle tempo, o monumento não era mau. Elle veio satisfazer de resto, a uma vontade nacional. Hoje, não se comprehende, e urge quanto antes dar a Camões um monumento digno do seu nome...

BIBLIOGRAPHIA

A côrte de Junot em Portugal

Rocha Martins vem de publicar mais uma obra.

Entre esta de agora e as antecedentemente publicadas ha uma differença que convem accentuar:

De posse absoluta dos dados da epoca, e senhor já da expressão nos seus requintes artisticos, Rocha Martins traz de um follego toda a historia do tempo, em suas



idéas e paixões, e alimenta a acção commovedora com desenhos de estylosação napoleonica que são de maravillar.

E' obra mais feita para sentir que meditar, e que elle adrede atrai á multidão, mascarando a erudicção sempre com um grande escriptulo e com especial tacto de romancista.

Que o povo o leia para revigorar a consciencia do seu valor.

O curso de Arte de Representar

Publicou, ha dias, o *Diario do Governo* o decreto que reforma o ensino de arte dramatica em Portugal.

E' um documento largamente relatorioado, com o qual pretende o legislador obviar de um modo geral aos inconvenientes que uma longa pratica demonstrou resultarem da applicação da lei do antigo curso, e, sobretudo dar ao theatro uma mais vasta e orientadora missão de progresso.

O que vale esse documento, como denunciativo de um criterio artistico moderno, e o que de pratico elle produzirá, aproveitadas que sejam as suas determinantes pedagogicas, evidentemente que o não podemos nós dizer após uma rapida leitura.

A' primeira impressão julgamos que elle em muito melhora o ensino, significa o significado artista, e pode talvez contribuir para o resurgimento da arte nacional. Todavia como entendemos que taes questões não devem aujizar-se de animo leve, e o tempo e espaço, repetimos, nos escasseia, sem de modo nenhum tomar-mos compromisso de uma larga e ponderada analyse, prome temos dar no proximo numero noticia mais circumstanciada do que é e do

que vale, de verdade, o documento de que vimos tratando, e que parece haver caído bem na opinião artistica do nosso restricto numero de entendidos no assumpto.

Até ao proximo numero, pois.



Jogos Olympicos Nacionaes

Como decorreram as provas já realizadas—Os nossos votos para as futuras

Não falaremos da prova do concurso hippico que fazia parte dos Jogos Olympicos por d'ella já termos fallado mais desenvolvimento, e assim, trataremos da prova de pesos e alteres cujo primeiro premio foi ganho pelo sr. Borges de Castro.

Foi nos courts do velodromo que a prova se realisou, com uma regular assistencia e pequeno numero de concorrentes o que a tornou pouco interessante.

Os exercicios marcados para a prova eram o *developpé* dois braços, *arraché*, um braço, *jeté*, dois braços, que foram feitos com correção por todos os athletas com raras excepções, e fazendo os seguintes pesos:

No primeiro exercicio H. Caldas, levantou 75,5 kilos; Borges de Castro, 71; João Henrique d'Oliveira, 77,5; ficando assim de posse do *record* d'este exercicio na cathedra dos *levés*, *record* que pertencia a A. Dias e A. Pereira; T. Aguiar, 67,5 e H. Correia, 73.

No *arraché* levantaram-se respectivamente 60,5 kilos, 67,5 60,5, 56,5 e 66,5 e no *jeté*, 113 kilos, 111, 95,5, 92 e 100,5. A classificação final dos concorrentes foi a seguinte: Borges de Castro, 1.º, com 249,5 kilos; H. Caldas, 2.º, com 249 kilos; H. Correia, 3.º, com 240; J. Oliveira, 4.º com 233,5 e T. Aguiar, 5.º, com 216.

Constituiu o jury os srs. Pedro José Ferreira, delegado da S. P. E. P.; M. Barreiras, delegado do L. S. e Vasco Ribeiro da L. S. T. A. arbitrando com imparcialidade o arbitro official da liga sr. Cesar de Mello.

A corrida de *Marathona* portugueza, que no programma geral das provas estava marcada em terceiro logar e é a quinta vez que se realisa no nosso paiz, ficou transferida para o dia 18 do corente. A organização está sendo desempenhada pela revista *Tiro e Sport* que decerto será o mais cuidadosa possivel, de forma a não deixar deficiencias; d'ella fallaremos depois.

Em seguida o programma marca-nos um desafio de *foot-ball*, jogado no Velodromo de Palhavá no passado domingo, por uma tarde tão triste como *triste* foi o jogo que nos apresentou o Club Internacional de Foot-Ball e o Sport Lisboa e Bemfica, dois *teams*, cuja classificação no campeonato organizado pela Associação foi a melhor.

A chuva e o pessimo estado do campo, concorreram para que o jogo não tivesse phases interessantes, assim como os jogadores, que de parte a parte não estiveram nos seus dias felizes.

Dizendo o que pensamos sobre as provas dos Jogos Olympicos, fazemos os mais sinceros votos para que as que faltam a effectuar, sejam bem organisadas e os *sportsmans* a ellas concorrerem, como é de justiça, pois a Sociedade Promotora pela boa vontade que mostra em fazer progredir o *sport* no nosso paiz, é merecedora da consideração de todos os que presam os exercicios physicos.

Que um bom sol venha tambem alegrar as restantes provas são os sinceros votos de

ROMOLO.

CARTAS TRIPEIRAS

Feliz foi a curta estada n'esta cidade da companhia do Theatro Republica; feliz em lucros e em applausos.

Do repertorio, annunciado dias antes da chegada d'esta magnifica companhia, sómente se não representou as peças *Encontro, Ladrão, Canto do Cysne e D. Cezar de Bazan*, devido á doença de Augusto Rosa.

De cada peça que subia á scena era mais uma gloria para os seus interpretes.

Primeira causa, *Elvelker, Kean, Pae, Promessa, Theodoro & C.^a, 4 cantinhos, Amor não dorme, Bisbilhoteira, Papillon, Convertido e Refugio*, foram as peças representadas durante a permanencia n'esta cidade da companhia do Theatro Republica, sendo as quatro primeiras as que mais agradaram.

Houveram peças como a *Santa Inquisição, N'um rufo, Margarida do Monte e Rosas Bravas*, que não agradaram.

Onde vi maior enthusiasmo em palmejar um artista, foi no drama de Strindberg, *Pae*, onde o distincto actor Ferreira da Silva é soberbo.

O povo do Porto acostumado a companhias internacionaes de opereta repletas de verdadeiras nullidades, affeito a ver em scena as maiores *pochades*, os maiores desacatos em peças por pseudo-actores, ao presenciarem o soberbo trabalho de Ferreira da Silva, levantou-se, e n'uma manifestação de sympathia palmeou esse actor portuense.

Da companhia do Theatro do Gymnasio que n'esta cidade trabalhou, disse em algumas chronicas para a *Vida Artistica* pessoa mais competente do que eu, do seu exito.

O Gymnasio devia ter vindo fazer a epocha de verão, apoz a partida da do Theatro Republica.

Hontem realisou-se em uma unica recita a apresentação da «*ournée*», que o actor Chaby tencionava levar á America do Sul.

Tomaram parte n'este espectáculo o actor Chaby a actriz Jesuina Saraiva e o caricaturista Jorge Colação e o conferencista João Phoca.

Este espectáculo constou de duas comédias, interpretadas por Chaby e Jesuina, de conferencia e recitativos por João Phoca com caricaturas a la minute por Jorge Colação. O actor Chaby disse versos portuguezes e estrangeiros, fazendo uma conferencia sobre a *Bisbilhotice*.

Estreiou-se a «*ournée*» Arthur Trindade, que veio realisar n'esta cidade tres unicos concertos.

Faz parte d'ella, a harpista Albertina da Silva e D. Luiz Quezada, Sarah Alves, Salles Ribeiro e outros.

A companhia de pseudos-actores que estava no Theatro Carlos Alberto, terminou ou vae terminar funestamente.

Nem um novo quadro dos que annunciaram levou á scena!...

E é esta a companhia que em cartazes pelas esquinas do Porto, apresenta no elenco entre o nome dos artistas, os nomes de coristas que nada fazem na revista *A toque de caixa*.

Estreiou-se hontem no Theatro Sá da Bandeira com a opereta portugueza *O Fado* a companhia do Theatro Appolo.

Será feliz?

Verei para informar.



“VIDA ARTISTICA”

Vende-se no Porto nas tabacarias e kiosques.

Tiros certos

Uma das causas da decadencia da arte dramatica, além das que já aqui temos enumerado e de outras a que ainda nos havemos de referir, é a falta de união que se manifesta dentro d'essa classe.

Lembra-nos bem, quando se fundou a Associação de Classe dos Artistas Dramaticos, e recorda-nos do enthusiasmo de uns, por cujo motivos alguns foram victimas e até feridos nos seus proprios interesses, e do indifferentismo ou mesmo desprezo de outros, que, d'esta fórma, souberam captar as sympathias de alguns empregarios, que não queriam reconhecer a associação de classe.

Nós, então, não emittimos a nossa opinião: collocámo-nos de parte, como é nosso costume, apreciando conscienciosamente tudo e todos e chegámos ao resultado de prevermos o que realmente se está passando com a referida associação.

Conferenciou-se muito, discursou-se immenso, em toda a parte se falava na associação de classe, publicaram-se muitas photographias nos jornaes, e, finalmente, quasi todos os artistas portuguezes se inscreveram como socios. Isto tudo foi muito bonito e tudo isto fazia—não a nós—prever um futuro brilhante para o theatro e uma regeneração completa na classe dos artistas. Mas... faltava o resto, a união, o brío, a comprehensão nitida dos deveres, que tudo estragou, e, lá está a associação de classe, lutando talvez com difficuldades, tentando sem resultado a cobrança das pequenas quotas em divida, desde o começo da sua existencia e sustentada quasi que com a boa vontade dos seus dirigentes.

Isto custa, mas é verdade.

Ora, se todos os artistas se unissem, quanto mais não fosse, para este effeito, se satisfizessem pontualmente as suas quotas, que são relativamente insignificantes, se se interessassem um pouco que fosse, por essa associação, esta saberia, impondo-se pela força de que sem duvida poderia dispôr, zelar os interesses dos seus associados e até garantir-lhes o futuro.

Mas, são tão poucos os que assim procedem, tão insignificante o numero dos que se interessam, que, só por si, nada conseguem; estas são os que comprehendem o o bem que lhes poderá advir, uma vez que a associação progrida e seja auxiliada; os restantes, os indifferentes, esses, talvez um dia, ainda venham a arrepender-se de terem poupado para uma coisa util, uns vintens, que em poucos momentos gastaram, talvez, em prejuizo da sua saude.

E eis mais um motivo porque a classe dos artistas dramaticos se encontra tão abaixo do nivel em que devia procurar collocar-se.

J. PEDROSO AMADO.

Se o Pó de Perlímpimpim fosse artistica, compravamos uma caixa muito grande cheia d'elle.

—Ha já tanto tempo que não vemos o Julio Alves.

—Elle agora é: animatographos-theatros,

salões-theatros, theatros, muitos theatros em todos os cantos! Oh! Arte, e ainda dizem que estás em baixo!

Isto é um paiz essencialmente artistico.

—Ha-por ahi alguma menina, recommendada, que saia do Conservatorio e queira ser actriz? Com uma boa recommendação pôde ser elevada a «estrella».

—O' Ambrosina, que culpa tens tu de ser bonita? Foi em cheio hein? Assim é que é.

—Estamos doidinhos por vêr os elencos das varias companhias para a proxima epocha.



Corrida no Campo Pequeno

Por motivos de paginação e a absoluta falta de espaço não pudemos inserir no nosso numero anterior a resenha da corrida, que se realisou na passada quinta-feira, 1 do mez corrente.

Com uma noite bastante agreste, o que fez augurar muita concorrencia, decorreu a lide, com maior ou menor animação.

Na primeira parte entrou José Casimiro, trajando á andaluza e coadiuvado por Theodoro Gonçalves, farpeando dois touros, pertença de Emilio Infante.

No primeiro touro, que sahio voluntario e de muito pé, cravou varios ferros com bastante luzimento, mas não com a arte devida, com excepção de um, que citou pela esquerda e rematou pela direita, e de um curto regular, o que lhe valeu ser muito applaudido.

No segundo, animal de pouca vontade e que parava nas sortes, nada poude fazer; apresentando-se montado n'um novo cavallo, que parecia que andava a experimental-o e sendo assim não é bonito que um cavalleiro venha para uma corrida experimentar cavallos.

Espero que se não volte nem se consinta que se pratiquem taes atropellos para bem da arte.

Theodoro mostrou muito pouca diligencia na arte.

A segunda parte, era destinada para apresentação das *cuadrillas dos niños sevillhanos* e dos seus *diestros* Gallito III e Limeno II, com novillos da ganaderia do sr. condé de Cabral, que na sua maioria sahiram muito pouco bravos, apesar de puros.

Foi esta cheia de peripecias, pois houve trambalhões em barda.

Não obstante, não podemos deixar de especialisar o trabalho de Gallito e Limeno, que mostraram profundos conhecimentos da arte á que se dedicaram em tão tenra idade.

Tiveram *quites* de primeira ordem e com bandarilhas; especialisaremos principalmente o trabalho de Gallito, que metteu oito pares e um cambiando o terreno com todo o luzimento e de um pasmo de véras notavel, provando que é toureiro e mestre; tambem Limeno marcou dois cambios muito regulares.

Com a muleta mostraram pericia e coragem animando-se bastante ás vezes, e dando passes em redondo, molinetes de *quites* naturaes muita arte e sabeloria.

Sim senhor, mostraram verdadeira vocação, de certo de futuro virão a occupar um dos melhores logares na arte em que se empregam.

O resto da *cuadrilla* pouco ha a dizer a não ser a boa vontade em agr dar.

Se a empresa tem organizado esta corrida de outra fórma e a põe diurna em lugar de nocturna, de certo que teria brilhado muito mais e tirado muito melhores resultados.

E fiquemos por aqui... para não dizer alguma coisa mais, que reservo para as minhas chronicas.

MARIO NOGUEIRA.



THEATROS

Republica

Explendidos e variados espectaculos pela companhia de zarzuela.

Apollo

Sempre a *Agulha em Palheiro*, que nunca mais sae do cartaz; e está feito o reclamo.

Colyseu dos Recreios

Companhia de variedades na qual toma parte a celebre transformista Fatima Miris.

Paraiso de Lisboa

Sessões permanentes de animatographo fallado.

Variedades

Dois bellos espectaculos por noite com a chistosa revista *Pó de Perlímpim*.

Chalet Avenida

(Feira d'Alcantara)

Enchentes todas as noites com a revista *Está certo* que tem obtido enorme successo.

Chalet Julia Mendes

Está escripto que a revista *Colhido e voltado* é peça para durar, o que não admira, attendendo á fórma como está apresentada e ao desempenho.

Animatographos e variedades

CINE PALAIS — (Feira d'Alcantara), sempre estreias sensacionais.

SALÃO FOZ — Espectaculos variados todas as noites.

SALÃO AVENIDA — Tem tido enormes enchentes com a engraçada operetta *Sachrista encravado*.

CHIADO TERRASSE — Soirées variadas todas as noites.

SALÃO IDEAL — Animatographo e variedades.

SALÃO DA TRINDADE — Programmas sensacionais

CHANTECLER CHALET — (Feira d'Alcantara). Estreias todas as noites.

JARDIM ZOOLOGICO (Exposição permanente)

AQUARIO URSCO DA GAMA (Dátundo)

Aberto todos os dias.

Vestidos de senhores e crianças
LAVA, LIMPA E TINGE
TINTURARIA CAMBOURNAC
10, Largo da Annunciada, 10
Rua de S. Bento, 175-A
LISBOA Telephone 562

Automoveis recomendados

PARA ALUGAR NA PRAÇA

ROCIO

Automovel n.º 875 — chauffeur — Accacio de Paiva
> 787 — — — João Carujo
> 967 — — — Antonio Paes

Serviço por taximetro em Lisboa
Serviço de theatro e baile

TELEPHONES — 2702 e 2698

LISBOA

"MERCEDES"

MACHINAS DE ESCREVER

A mais perfeita e resistente

RUA AUGUSTA, 75 — LISBOA

ACCESSORIOS

Reparações em todas as marcas de machinas

Copias á machina — Traducções
Ensino de Dactylographia

VENDAS DE MACHINAS

TELEPHONE N.º 3066 — Agencia no Porto

OFFICINA DE FUNDIÇÃO DE METAES

TORNEIRO E GALVANISMO
FUNDADA EM 12,6/1901

Manufactura de todas as ferragens (em metal) para automoveis, nikelagem, etalages e varios para montas, ferragens para urnas e moveis antigos, etc., etc.

Canalisações e aparelhos para Gaz e Agua

Installações electricas

Dourar
pratear, nikelar e bronzear

ANTONIO TELLES

R. SARAIVA DE CARVALHO, 89 A 93

Empresa Nacional de Navegação



Para Principe e S. Thomé, só recebendo carga, sae do caes do Jardim do Tabaco, no dia 20 o vapor *Peninsular*.

Para S. Vicente, S. Thiago, (Maio, Boa Vista, Sal, S. Nicolau, Santo Antão, Fogo, Brava e Tarrafal, com trasbordos em S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, Santo Antonio do Zaire, Ambriz, Loanda (S. Nicolau, Cuio, Egypto, Benguela Velha, Quissimbe, Ambrizette, Quinzam, Quissanga, Boma, Nopul, Matadi, Landana, Muculla e Mosserra, com baldeação em Loanda), Novo Redondo, Lobito, Benguela e Mossamedes, sae do Caes da Fundição, no dia 22, o paquete *Caengo*.

Não recebe carga para Principe e S. Thomé. De ou para Fernando Pó, recebe passageiros, com trasbordos na Ilha do Principe.

Para carga, passagens e outros esclarecimentos, trate-se — NO PORTO: com os agentes H. Burmaster & C.; rua do Infante D. Henrique — EM LISBOA: Escripatorios da Empresa, 33, rua do Commercio.

Bico Modelo

DE JOÃO GALVÃO

Artigos de iluminação para Gaz e Electricidade

Lusires e candieiros, retretes, auto-clismos, urinoes, lavatorios, bidets, siphões e banheiras.

Installações d'agua, gaz e electricidade.

70 RUA IVENS, 70
(Proximo do Chiado)

LISBOA

LUZ ELECTRICA J. A. LEITÃO

129, Rua do Salitre, 131, LISBOA — Telephone 2623

Construcções e installações electricas, força motriz, apparelhagem electrica e seus accessorios, motores-dinamos para corrente continua ou alternada, lampadas de incandescencia de todas as qualidades, lampadas de filamento metalico, arcos voltaicos, resistencias, acumuladores e aparelhos de precisão, ventoinhas e aparelhos para aquecimento, telephones, campainhas, para-raios, etc.

REPAÇÃO DE TODO O SYSTEMA DE GERATRIZES OU ELECTRICO-MOTORES ORÇAMENTOS GRATIS

Rapida execução em todos os trabalhos — Modicidade em preços

OFFICINAS E DEPOSITO — Rua do Salitre, 129

Garage

Estephania

107-109, R. José Estevam, III-113
LISBOA

Automoveis de aluguer da reputada marca FIAT. Taximetros, luxuosos e com chauffeurs fardados

Telephone 2698

Alfredo Eduardo Gonçalves

OFFICINA

— DE —

CARPINTERIA

Encarrega-se de edificações ou reedificações e qualquer especie de trabalhos concernentes á sua arte

7, Rua da Condessa, 9

(AO CARMO) LISBOA

ENCADERNADOR-DOURADOR

Papelaria, Typographia e Artigos Religiosos

220, Rua Augusta, 222

Telephone 2089

Baulino Ferreira

Succursal das

Officinas

de encadernação movidas a vapor

92, R. N. da Trindade, 92

TELEPHONE 1495

Vinhos e Azeites

JOÃO LUIZ AFFONSO

Travessa da Trindade, 20-22

Vinho Verde de 1.ª qualidade
Azeite de Castello Branco muito fino
Vinhos finos e licores

Casa 5 de Outubro

232, R. DA MAGDALENA, 234

(Em frente á Ilha da Betesga)

De que é proprietario MANUEG VIEGAS FACORA

Azeites de Castello Branco, manieguas da Ilha da Madeira, vinho tinto do Livramento, palhelo (exclusivo da casa). Todas as encomendas se enviam a caso dos freguezes.

CLICHÉS
EM
PHOTOGRAVURA

DE
Artistas e homens de letras

ORLAS
E MAIS VINHETAS ARTISTICAS
ENCONTRAM-SE
PARA ALUGAR NA REDACÇÃO
D'ESTE SEMANARIO A PREÇOS
MODICOS

**Por mais de uma gravura
o ajuste será em especial**

**PASSERELLE DO ELEVADOR DE S. JUSTA-A
LISBOA**